

## **Discurso para o Dia da FEUP 2019**

*António de Sousa Pereira em 14 de janeiro de 2019*

Senhor Ministro do Ambiente e da Transição Energética,

Eng.º João Pedro Matos Fernandes

Senhor Diretor da FEUP, Professor João Falcão e Cunha

Estimados colegas da Equipa Reitoral

Digníssimos membros dos órgãos de governo da Universidade do Porto

Antigos Reitores da Universidade do Porto

Senhores diretores das unidades orgânicas e seus representantes

Ilustres membros dos órgãos de gestão da FEUP

Senhores Presidentes dos Conselhos de Administração

do INESC TEC e do INEGI

Senhores diretores dos centros de I&D, dos centros de competências e dos institutos de interface da FEUP

Senhor representante do pessoal técnico da FEUP, Eng. Paulo Cunha Costa

Senhor Presidente da Associação de Estudantes, Diogo Pimenta

Prezados docentes, investigadores e funcionários da FEUP

Senhores professores eméritos e jubilados

Caros estudantes

Estimados representantes das empresas parceiras da FEUP

Estimados representantes das organizações estudantis da FEUP

Senhores representantes de instituições do ensino superior

Ilustres convidados desta cerimónia

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Muito boa tarde a todos.

Começo naturalmente por saudar com muito apreço o Senhor Ministro, Eng.º João Pedro Matos Fernandes, que uma vez mais nos dá a honra e o prazer de o receber na Universidade do Porto.

Para o Senhor Ministro, trata-se do regresso a uma casa que bem conhece e na qual é muito bem-vindo.

Reservo também uma saudação especial para o Senhor Diretor da FEUP, Professor João Falcão e Cunha, bem como para os restantes membros dos órgãos de gestão desta Faculdade.

Aproveito para felicitar a FEUP por estes 182 anos de história e desejar aos seus dirigentes, docentes, investigadores, funcionários e estudantes os maiores sucessos pessoais e profissionais em 2019.

Gostava agora de expressar o nosso reconhecimento aos aposentados e jubilados da FEUP. É de inteira justiça homenagear todas estas pessoas que dedicaram boa parte das suas vidas à FEUP e à Universidade do Porto, contribuindo assim para o desenvolvimento de ambas as instituições.

Uma palavra de congratulação para os vencedores dos Prémios de Reconhecimento Pedagógico e Reconhecimento Científico, dos Prémios de Excelência Pedagógica e Excelência Científica e do Prémio Mais Ideias Sustentáveis 2018.

Gostava ainda de cumprimentar os representantes das empresas parceiras da FEUP hoje aqui homenageadas, sublinhando o seu importante contributo para a valorização económica do conhecimento produzido nesta Faculdade.

Por fim, as minhas saudações aos representantes das organizações estudantis da FEUP, não deixando de agradecer o papel que desempenham na integração e socialização dos estudantes desta Faculdade.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Na cerimónia de hoje comemoramos a criação da Academia Politécnica do Porto, em 13 de janeiro de 1837. Como sabemos, a Academia Politécnica foi uma das escolas que esteve na génese da Universidade do Porto e o seu legado técnico-científico tem na FEUP a mais direta herdeira.

Recordo que a Academia Politécnica desenvolveu as ciências industriais no nosso país e em particular na região Norte, indo assim ao encontro das exigências técnicas então sentidas pelo comércio, pela indústria, pela viticultura e pelos transportes marítimos.

Podemos encontrar no legado histórico da Academia Politécnica um valioso ensinamento para o futuro da FEUP. O exemplo dessa época deve ser replicado nos dias de hoje, considerando os desafios da competitividade global que o país enfrenta e as notórias necessidades de conhecimento, talento e tecnologia do nosso tecido industrial.

Pelo seu efeito multiplicador, a indústria é historicamente o principal motor de desenvolvimento socioeconómico dos países. Neste sentido, é com preocupação que assistimos ao processo de desindustrialização das economias mais desenvolvidas, tendência a que Portugal não escapou. À semelhança do que acontece no resto da Europa, a indústria portuguesa tem um peso no PIB inferior a 20%, quando nas décadas de 1970 e 1980 andava perto dos 30%.

Ainda assim, a indústria continua a ser o setor mais exportador e que mais valor cria para o país. Portugal deve, por isso, estabelecer como meta de médio prazo um peso da indústria no PIB de 20%.

Trata-se de uma meta ambiciosa e que obriga a um esforço considerável ao nível da inovação, do desenvolvimento de produto e da transferência de tecnologia. Ou seja, as empresas vão ter de incorporar muito do conhecimento que tem origem nos diferentes ramos da engenharia moderna ou no cruzamento da engenharia com outros campos do saber.

Por isso acredito convictamente no futuro da engenharia portuguesa. Estou convencido de que a nossa engenharia tenderá a assumir um papel cada vez mais importante no tecido produtivo português, contribuindo assim para o reforço da competitividade da economia nacional. Se Portugal quer de facto qualificar o

seu tecido produtivo, tem necessariamente de apostar na engenharia nacional e nas novas gerações de engenheiros.

Neste pressuposto, a FEUP pode dar um contributo ainda mais substantivo para o crescimento económico do país e para o seu desenvolvimento social. Não tenho dúvidas de que a massa crítica, o conhecimento científico e os meios tecnológicos da FEUP são fundamentais para a modernização do nosso tecido produtivo.

Devemos por isso louvar a aposta que a FEUP tem feito nos seus institutos de interface e na criação de centros de competências em áreas estratégicas de desenvolvimento. Nestas estruturas, a indústria portuguesa encontra um sólido respaldo para as atividades de inovação essenciais à sua competitividade.

Mas é necessário um maior envolvimento das novas gerações na indústria, quer como empresários, quer como quadros especializados. O talento é fundamental para a modernização da indústria, sendo certo que os jovens engenheiros da FEUP têm uma formação altamente credenciada e são disputados pelo mercado de trabalho internacional.

De resto, a importância da engenharia no atual modelo de desenvolvimento económico e no novo paradigma do mercado de trabalho é hoje evidente para os jovens portugueses. No último concurso de acesso ao ensino superior, os quatro primeiros cursos mais procurados foram de engenharia. Isto traduz a crescente atratividade de cursos eminentemente tecnológicos, motivada, em boa medida, pelas expectativas de realização profissional geradas pela economia do conhecimento.

Em suma: numa economia que privilegia o conhecimento na vanguarda científica e tecnológica, abrem-se boas perspectivas de desenvolvimento para a FEUP enquanto escola de referência nos diferentes domínios da engenharia moderna.

A Equipa Reitoral tem plena consciência da qualidade formativa, da capacidade de investigação, do *know-how* tecnológico e do potencial de interface da FEUP.

Por isso, vamos continuar a trabalhar com os órgãos de gestão da FEUP na criação de condições para o crescimento desta Faculdade e para a sua efetiva afirmação no contexto internacional.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

O contributo das instituições do ensino superior para o desenvolvimento económico e social do país é há muito condicionado pela estagnação do financiamento público. Os gastos do Estado com o sistema de ensino superior são hoje praticamente os mesmos de 2008, representando menos de 0,4% do PIB.

Portugal está entre os países europeus com percentagens mais baixas de financiamento para o ensino superior em relação à riqueza criada pelo país. A atual situação de subfinanciamento está a empurrar as universidades portuguesas para a periferia do ensino superior europeu, numa altura em que a competição pela atração de talento e pela captação de fundos é cada vez mais intensa à escala global.

As instituições do ensino superior figuram entre os setores portugueses mais penalizados pelos cortes orçamentais, pelas burocracias centralizadoras e pela desvalorização social do funcionalismo público. Urge por isso reforçar os níveis de financiamento para o ensino superior, aprofundar a autonomia – designadamente financeira – das instituições e prosseguir com a simplificação administrativa, em particular nas candidaturas a fundos europeus e nos processos de contratação pública.

Como defende o CRUP, é preciso aumentar a dotação do ensino superior em pelo menos mais 10% na próxima legislatura. Mas ainda antes disso, é fundamental clarificar o modelo de financiamento para o ensino superior.

As instituições necessitam de saber qual é a fórmula de financiamento público, sobretudo numa altura em que cresce a pressão política para que as propinas sejam reduzidas ou até eliminadas. É crucial dar estabilidade, confiança e capacidade de previsão às universidades em matéria de financiamento, para estas possam definir as suas estratégias em função dos recursos disponíveis.

Sabemos bem que não há dinheiro para tudo num país com tantas carências. Mas tem de haver prioridades. E uma das prioridades deve ser o financiamento do ensino superior, sob pena de estarmos a hipotecar o futuro do país.

O investimento no ensino superior tem um comprovado retorno económico e social. Uma população mais qualificada cria mais valor económico, gera mais receitas fiscais e garante maior competitividade empresarial, para além de todos os benefícios decorrentes de uma cidadania mais consciente e ativa.

Importa pois dar incentivos às universidades para que melhorem a qualidade e abrangência do ensino, para que invistam na ciência e na inovação, para que atraiam mais estudantes nacionais e internacionais, para que aumentem a ação social, para que rejuvenesçam o corpo docente e para que sejam mais competitivas na captação de fundos.

Estes são os meus desejos para 2019, embora esteja consciente das debilidades financeiras que subsistem no país apesar do crescimento dos últimos anos e das dificuldades políticas para implementar medidas estruturais no atual contexto pré-eleitoral.

Muito obrigado e um bom ano para todos.